

transbordar de alegria nessas horas que o homem resvala sobre elas sem o fatigante peso do tempo.

Oh! praza aos céos que a civilização não vá corromper esses costumes.

Que a locomotiva conduza as luzes da scien-
cia e das artes; que transforme a rigeza des-
ses bosques em deliciosos parques, em for-
mosas e lindas habitações, mas que nos não
leve com ella o cortejo de vícios e cuidados
que moram nas grandes terras.

Praza a Deus que esse povo seja civilizado
como o europeu; mas praza a Deus tambem
que em singeleza de costumes, em sincerida-
de de sentimentos elle nunca deixe de ser
mineiro!

Rio, 5 de Novembro de 1861.

C. DE MAGALHÃES.

(A ACTUALIDADE.)

Thereza

HISTÓRIA DE HONTEN.

XXVIII

Thereza à senhora de C...

« Valfors, Maio.

« Eu soffro, minha irmã, eu soffro cruel-
mente. Tenho necessidade de confiar minhas
dôres á uma alma que me comprehenda, e eu
vos escrevo. Uma vez me repellistes cruel-
mente; fostes até sem piedade. Eu não tenho
porém o direito de me queixar. Sou culpada
e não tenho mais do que curvar a cabeça.
Entretanto minha expiação é tal que sê lhe
conhecesseis as torturas vos compadecerieis de
mim. Escutai-me pois, eu vo-lo peço, e não
vos armeis de rigor sem que primeiro me te-
nhaes ouvido.

« Minha vida, de alguns mezes para cá, só
tem sido um longo supplicio. Tenho sido
punida tanto n'alma como no corpo: em mi-
nha alma pelas humilhações de que tenho
sido vítima, pela brutalidade dos golpes que
me tem ferido, pelo abandono e pela morte
daquelle que eu amava; em meu corpo, pela
alteração desta belleza de que eu era orgulho-
sa e pela violencia da doença que me tem
despedaçado.

« Eu não sou hoje muito facil de ser con-
hecida, e crêde-o bem, eu tenho direito á pieda-
de de todos os que mais severamente tem jul-
gado o meu modo de proceder desregrado.

« Vivo solitaria e desamparada em um triste
paiz, cercada de pessoas que me desprezam,
privada de uma alma que me seja devotada,
e entretanto não me atrevo á deixá-lo, com o
receio de que em outra parte passe por uma
expiacão mais rude ainda e que eu não sa-
beria supportar.

« O que augmenta a grandeza do meu mal
é lhe enche a medida — é o desdenhoso isola-
mento em que minha familia me deixa, prin-
cipiando por vós que sois a primeira, minha
irmã.

« Quão doce me seria receber algumas li-
nhas que palpitassem de emoção e que me
provassem que, mesmo de longe, alguém par-
ticipa de meus males! Como me seria con-
solador ver-vos, á vós que me tendes amado
e a quem eu amei, ainda perto de mim, para
me ajudar um pouco a franquear as horas mal-
ditas que eu atravesso! Ah! eu sou crimi-
nosa, e verdade, mas meu arrependimento é
sincero. Deus mesmo se cominove ás queixas
dos criminosos que se arrependerem: sereis

mais severa que elle? Depois de o terdes imi-
tado em sua colera, não o imitareis em sua
clemencia? Oh! piedade! piedade! enviai-
me este perdão que eu peço a todos meus pa-
rentes, porque este perdão é o repouso, é a
vida, ou pelo menos a morte calma e doce.

THEREZA. »

Esta carta ficou sem resposta. Thereza es-
crevèu de novo. Nada, e as queixas de seu
coração perderam-se na indifferença ou no
desprezo. Então, desesperada, despedaçada,
aniquilada, louca enfim, ella tudo esque-
ceu, seus deveres já esquecidos e de que ella
ia ainda esquecer-se, suas resoluções primiti-
vas, seus males que se não aliviavam, seu
mesmo castigo, e resolveu refugiar-se nos
unicos braços que ainda deveriam estar aber-
tos para ella.

Vital a amava sempre. Thereza lembrou-se
destas palavras que elle uma vez lhe havia
dicto: « Se fosseis livre, de ha muito que eu
vos teria dado o meu nome. »

Era livre e lh'as ia recordar. O' tristezza!
ó demencia! Thereza partio.

Anjos tutelares a quem Deus confiou a
guarda das almas aqui neste mundo, onde es-
taveis pois neste fatal instante? Porque não
socorresteis esta desgraçada?

Porque não lhe tendes inspirado algum des-
tes grandes sacrifícios que apagam as faltas de
uma vida Inteira e arrancam ao mundo uma
La Vallière para lança-la no claustro ferida e
maguada?

Dous dias depois que Thereza deixou Val-
fors, a Sr.ª de C... chegou. Tocada pelo arre-
pendimento de sua cunhada, vinha, com a
alma cheia de clemencia, trazer-lhe algumas
consolações. Porém já vinha tarde.

XXIX

Um mez se havia passado desde o dia em
que Thereza tinha dicto adeus á seu amante
para ir reunir-se á seu marido que ella não
devia mais tornar a vêr. Quantos aconteci-
mentos haviam marcado esta separação! Vi-
tal ignorava-os. Apenas sua amante partio,
elle entoou o canto da liberdade. Ia daquella
data em d'ante ser livre. Seu coração recu-
perava a mocidade e a vida. O ar que então
respirava lhe parecia mais doce, e o pão que
não partilhava mais com pessoa alguma lhe
parecia menos amargo.

Quando uma indifferença em amor como a
de Vital, susceptivel de tornar-se em odio,
acha-se no fim de uma longa affeição, a hora
primeira de liberdade é cheia de doçura. A
cadela que por muito tempo vos tem preso á
uma mulher pela qual vossa affeição parece
morta, é despedaçada. O coração exclama:
Livre! livre! tão embriagado como os mari-
nheiros de Christovão Colombo, no dia em
que foi adevinhada terra por elles nas brumas
que a occultavam á seus olhos, além das on-
das que por tanto tempo os haviam separado
della.

« Sim, livre! Daquella hora em diante
nem mais prantos, nem temores, nem ciu-
mes. Eu era cançado desta eterna existencia
em que dous seres, ligados a principio juntos
por sua propria vontade, sentem que em se-
guida se esvaecem pouco a pouco as sympathias
que as reuniam e se despedaçam os la-
ços que os uniam um ao outro.

« Esta mulher, de mais idade que eu, sem-
pre temerosa e tremula, lançando-me em rosto,
nas mais doces horas de nosso amor, o nome
de seu marido, em verdade não era o que
mais me faltava. Eu pergunto á mim mesmo

— como eu a pude amar tres mezes. Tinha
porventura encontrado nella a realização do
ídeal que por muito tempo eu acariciei? Não!
O que eu sonho, o que desejo, é uma senhora,
rica de mocidade e de candura a quem eu
possa dar meu nome e minha mão.

« Eu não quero dizer com isto — que não
tenho amado Thereza. Quando a encontrei,
era inexperiente; encontrei em meu cami-
nho, na entrada da vida, sem procurar, um
coração, sentidos. Meu coração e meus senti-
dos lambem corresponderam.

« Porém devia eu dar á esta ligação minha
existencia, meu futuro, as mais bellas horas
de minha mocidade? Não, na verdade, eu
não podia mais viver. Rompi, fiz o meu de-
ver. Tenho obrado com lealdade. »

Estas poucas linhas, extrahidas de uma car-
ta que Vital escrevia á um de seus amigos, pro-
vam até que ponto elle foi injusto. Mas este
estado durou pouco, e, no fim de alguns dias,
começou a se operar n'elle uma transforma-
ção de que seria difícil analysar todas as pha-
ses. Com a solidão, chegou-lhe o tédio, e
com o tédio os pesares. Sim, elle lamentou-a,
chorou-a, á esta mulher de quem tão
depressa se havia desgostado, chorou-a e foi
procurar os traços de seus passos nos cami-
nhos por onde ella havia passado.

E' o segredo do amor. Quer este desappa-
reça ou volte de novo, conhece suas causas e
nós somente podemos lhe conhecer os ef-
feitos.

Vital errava em sua casa vasia; procurava
Thereza, e esta revolta de todo seu ser contra
elle mesmo, era o castigo de sua indifferença
e de sua crudelidade.

E enquanto que elle a pedia aos echos que
não respondiam mais, enquanto que procura-
vava uma doce lembrança nos lugares que ha-
via habitado, Thereza corria para elle, aca-
brunhada de dor e cheia de desejos, como
Helena se acaso tivesse encontrado Paris de-
pois da morte de Merelão.

(Continua).

ERNEST DAUDET.

(Trad. de R. DE BITENCOURT).

As Bruxas.

CREENÇAS POPULARES.

(Por L. N. F. Varella.)

As bruxas são mulheres velhas que, inve-
josas dos encantos e venturas da mocidade,
pactuam com o diabo, e recebem dele um po-
der infernal.

O aspecto destas tartareas criaturas é ex-
tranho e sinistro; sua vida oculta e myste-
riosa; suas palavras e acções cunhadas do
torvo caracter de uma sombria monomania.
Na Alemanha e na Escóssia ellas andam nuas,
cavalgam compridos cabos de vassoura, e des-
prendem funereas monodias ao ermo e aos
vendavaes. Foi assim que Fausto e Mephis-
topheles as encontraram, a subir a monta-
nha, na medonha noite dos Walpurgis; que
Shakspeare as pintou na desvairada tragedia
do Macbeth: que Hoffmann as apresentou, á
deshoras entre a chuva e a tempestade, nos
lacrimosos olhos da triste amante de Anselmo
o louco, no conto doentio que denominou o —
Vaso de ouro; é assim que Walter-Scott o
côxo, as faz aparecer em seus bellos roman-
ces. Na França, porém, segunda as tradições
collegidas por Emilio Souvestre no — Foyer

Bretton — e Paulo Feval em suas lendas, elas contentam-se com enfeiticar os rapazes e rapsigas, em noites alvas de lua, lavar o sudário dos finados nas águas do rio, ou ir dançar ao Sabbath, o baile infernal, alumiado pelo clarão sinistro das phosphorescências, e tendo por orquestra — o bramido das torrentes — o ronco da trovada — e os silvos da ventania.

Entretanto em nossas tradições filhas quasi todas das gélidas superstícões do Minho e da Extremadura, as bruxas não são revestidas desse carácter de sublimes horrores, que as faz tão temidas nas campinas da Bretanha, nas montanhas da Escócia, ou nas planícies d'Allemanha.

Os nossos rústicos que habitam as margens dos rios, contam que à noite elas rolam pela correnteza, sentadas em alguidares e coroadas de flores; os montanheiros — que pulam em bandos pelos solitários fraguedos, entre mornas cantilena os marinheiros e pescadores enfim — que transformam-se em bellas moças, apossam-se dos navios, erguem as ancas, e vão por aí afóra seduzir os rapazes, e entregar-se em horrenda lubricidade, aos braços delles — encendidos de um amor vertiginoso e funesto.

Eis uma das lendas mais conhecidas:

Em um dos nossos portos estava fundeado um navio, pertencente a um dos mais ricos mercadorias que negociam para a Ásia.

Era uma bella noite de lua; o capitão e a maior parte da gente estavam em terra, de maneira que não havia a bordo senão cinco ou seis marinheiros; esses mesmos tinham se já recolhido ao porão, porque o porto era seguro, a noite bella e serena e as horas bastante adiantadas.

Decorridos alguns momentos depois que se retiraram um barulho estranho e singular fez-se ouvir no couvér.

— Pedro, vai lá em cima ver o que é isso; disse um dos marujos a um companheiro.

Pedro subiu, e chegando à escutilha, viu uma multidão de mulheres velhas e inedonhas, que entravam, umas atraç das outras, pulando e saltando, a cavalo em cabos de vassoura.

O marinheiro chegou a borda do navio e olhou para o mar, porém aí não havia nem bote, nem lancha, nem causa alguma; as velhas tinham voado ou caminhado a pé sobre as águas!

Então ele olhou para aquela turba invasora, de sinistras personagens; ella estava toda reunida na proa, e erguia a ancora com passiosa rapidez.

— Olá! gritou o destemido homem do mar; deitou-se disso; façam o que quizer, menos falar na embarcação.

Porém o ferro estava já levantado, e o navio saía pela barra a fôra.

Pedro correu, pôz a cabeça na portinhola que dáva para o porão, e gritou para o fundo:

— Guilherme!... Theodoro!... Jaques!... Gabriel!... venham depressa cá em cima, aviem-se.

Em um minuto surgiram da escura portinhola as figuras somnolentas e alcatreadas de quatro robustos lobos do mar; mas como viam o navio a correr, a correr sem descanso, recuaram bradando:

— Mil tempestades!... o que é isto Pedro?

O marinheiro é um tipo stoico por natureza, nada ha que os afflaja, como também nada ha que os amedronte; Pedro alçou por isso os hombros, e disse cynicamente:

— Não sei.

— Come não sabes?... replicaram-lhe os camaradas; mas o diabo está na embarcação! — não vês que ella vai por aí a correr como

uma douda, e a barra já lá fica por traz, e a terra se perde de vista?

— Pois não sei, homens, respondeu Pedro, não perguntar aquellas senhoras, e designou us velhas.

Os marinheiros correram para a proa e vieram, em vez das megáras que Pedro encherara, um bando de moças brancas como a neve e coroadas de rosas. Ficaram todos pasmos, e puzeram-se a rodeá-las; mas elas riaram-se sarcasticamente, e diziam palavras estranhas que não eram comprehendidas pelos rudes filhos do mar.

Entretanto o navio não perdia tempo; — corria, e na desabrida carreira, como o lugubre ca alleiro de Burger, deixava atraç de si a terra, as ilhas, as árvores e as nuvens, como um bando de aves fugitivas. A cada porção de espaço que rombia — o ar tornava-se mais azul e carregado, as estrelas maiores e mais vividas. No zimbório immenso do firmamento a lua se equilibrava como uma lampada de prata innundada de nardo, na cúpula dos templos orientaes. As ondas erguiam-se como Leviathans, em cujo dorso escamoso brincavam os raios de uma luz phosphorescente, e a embarcação desenhava-se rápida e fugace nas águas, como a sombra do corsel de Giaour nas plantas do hervaçal.

Depois de haver assim voado o navio por algum tempo, parou finalmente junto de umas costas alvas e extensas, coradas de uma vegetação phantastica e titanea. As feiticeiras pularam logo ao mar, e começaram a correr para a terra com tal desembaraço como se pizassem uma campina firme e segura. Os marinheiros ficaram extáticos e perplexos alguns minutos, porém, como — marinheiro é capaz de desembestar até o quinto inferno, e palesstrar com o proprio Satan; soltaram os escáleres e remaram para a praia.

Chegando, sentiram uma como harmonia agreste e selvagem, misturada de gritos agudos e desconcertados, que vinha de longe nas azas de uma aura tepida e suave ferir-lhes o ouvido. Caminharam para o lugar donde partia o ruído; à medida porém que se adiantavam um perfume voluptuoso e sensual, desconhecido embora, vinha-lhes amenizar os sentidos; uns arvoredos enormes, gigantescos, cujos fastigios pareciam espanear as nuvens, levantavam-se diante delles, mudos, silenciosos como os phantasmas de Anna Radcliff, como os espectros de Achim d'Arnheim.

Pouco a pouco o ruído tornava-se mais pronunciado, e um clarão immenso e avermelhado começo a reflectir, bruxuleando bizarramente nas folhagens das árvores. Os nossos homens adiantaram-se mais, e deram então de rosto com um edifício amplo e colossal, todo de marmore preto, coberto de torreões, sacadas douradas, cornijas e arabescos phantasticos. Pelas infinitas fileiras de janellinhas, ou antes setteiras, se pendurava uma multidão de lampões multicores, e sahia em turbilhões o fumo do incenso e do alvos; uma orquestra desconhecida expandia seus echos rudes e selvagens, que se iam morrer pela solidão e pela noite.

Fóra do edifício, sobre um vasto terreiro ardia uma enorme fogueira, em torno da qual, homens e mulheres de olhos negros e scintilantes, face redonda e bronzeada, dansavam ao som de instrumentos estranhos, e reflectiam ao clarão da fogueira suas figuras extravagantes na fachada de marmore polido do palacio, e faziam tremular pelo ar as compridas abas de suas vestimentas vermelhas e amarellas. Havia também moças bellas, embora excessivamente trigueiras, que debravam e vergavam o corpo molle e flexivelmente, no gesticular languido e voluptuoso de uma dan-

sa desconhecida; suas grinaldas e cinturões eram ornados de pequenos luzeiros pallidamente azulados. Uma ala de homens feios e carrancudos cercava esta exótica companhia e completava o quadro.

Os marinheiros estavam pasmos e estupefactos, e olhavam uns para os outros murmurando:

— E' a terra das feiticeiras! queira Deus que não nos custe caro.

Longo tempo tinha passado que elles espreitavam por detrás de umas balsas, quando seou no palacio uma fanfarra confusa e estrepitosa, e um bando de mulheres sahio do vestibulo, e correu para o lado delles. Eram as estranhas passageiras; desta vez, porém, vinham adornadas de ouro e brilhantes, cobertas de sumptuosas vestimentas, e perfumadas de sandalo e baunilha.

Nas janellas do edifício surgiram as cabeças rudes e bronzeadas de alguns homens, que lhes faziam acenos; depois desapareceram, e elles correram para as bandas do mar.

Os marinheiros voaram atraç delles, colhendo entreposto na passagem, braçados de plantas que encontravam, para no outro dia saber por onde tinham andado.

Apenas entraram todos para o navio principiou elle de novo a correr com tal velocidade que pela volta da madrugada estavam outra vez no porto. As moças transformaram-se logo em hediondas velhas, sem com tudo perder as riquezas que lhes tinham dado sem dúvida seus misteriosos amantes, e cavalgando o classico cabo de assoura lançaram-se ao mar e desapareceram.

Quando ao meio dia chegou o capitão, os marinheiros contaram o ocorrido, e como prova mostraram as plantas que tinham apanhado. O commandante tomou-as e poz-se a examina-las com attenção misturada de passmo inexprimivel, depois entregando-as disse:

— Sabeis vós outros onde estivestes esta noite?

— Não, meu capitão, responderam os marujos.

— Pois estivestes na India.

— Na India!... na India!... gritaram os marujos, estupidos de espanto.

— Sim, na India, murmurou o commandante. Estas plantas que me mostrastes acabam de provar-me; vede, e tomando-as plantas proseguio designando-as.

— Esta é a canella, filha legitima da Ásia; est'outra o cravo, esta a baunilha, e finalmente esta, cujo nome não me recordo agora, é um excellente remedio que não cresce em nenhuma outra parte do mundo a não ser ali. A descrição que me fizeste desses homens morenos e trajados de estranhas roupagens, não faz senão confirmar o que digo. Aquelle edifício de marmore é um palacio de principe, aquelles moças de grinaldas e cinturões brilhantes são as virgens indianas que cosem os vagalumes e luciolas a suas vestimentas; aquelles homens armados são os guardas e soldados do principe. Não ha duvida, por artimanhas do diabo em menos de uma noite fostes à India e voltastes!

— Bemditto seja Deus! disseram os marinheiros, lançando no chão seus bonets de oleado; bemditto seja Deus, que nenhum mal nos succedeu: